



ESCOLA DE
HUMANIDADES

CIVITAS

Revista de Ciências Sociais
Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política

Civitas, Rev. Ciênc. Soc. 26: 1-7, jan.-dez. 2026
e-ISSN: 1984-7289 | ISSN-L: 1519-6089

DOSSIÊ: RESSONÂNCIA E DIAGNÓSTICOS DO TEMPO PRESENTE

Ressonância e revolução

Resonance and revolution

Resonancia y revolución

Arthur Bueno¹

orcid.org/0000-0001-8705-7613
arthur.bueno@uni-passau.de

Recebido em: 20 jan. 2026

Aprovado em: 19 fev. 2026

Publicado em: 22 maio. 2026.

Resumo: O artigo examina a relação entre ressonância e revolução por meio de um diálogo crítico entre Hartmut Rosa e Georg Lukács. Contra a interpretação segundo a qual a ressonância teria um caráter meramente adaptativo, sustenta-se que ela está intrinsecamente vinculada a processos de transformação social radical. Longe de ser uma contradição em termos, a ideia de uma "luta por ressonância" é constitutiva do próprio conceito de ressonância. Ao reconstruir a análise lukácsiana da emergência da consciência revolucionária à luz de categorias propostas por Rosa, revela-se a insuficiência tanto da noção de uma ressonância puramente adaptativa quanto de concepções estritamente antagonistas de revolução. De um lado, a ressonância exige lutas sociais radicais: é ao nos contrapormos às estruturas alienantes da estabilização dinâmica que reconhecemos nossa capacidade compartilhada de ser afetados. De outro lado, a luta revolucionária requer ressonância: é ao nos abrirmos aos outros que podemos reconhecer nossa capacidade comum de mover o mundo e direcioná-la contra estruturas alienantes.

Palavras-chave: Ressonância. Revolução. Luta por ressonância. Alienação. Emancipação.

Abstract: The article examines the relationship between resonance and revolution through a critical dialogue between Hartmut Rosa and Georg Lukács. Against interpretations that ascribe a merely adaptive character to resonance, it argues that resonance is intrinsically linked to processes of radical social transformation. Far from being a contradiction in terms, the idea of a "struggle for resonance" is constitutive of the very concept of resonance. By reconstructing Lukács's analysis of the emergence of revolutionary consciousness in light of categories proposed by Rosa, the article reveals the insufficiency of both the notion of a purely adaptive resonance and strictly antagonistic conceptions of revolution. On the one hand, resonance requires radical struggles: it is through opposition to the alienating structures of dynamic stabilization that we recognize our shared capacity to be affected. On the other hand, revolutionary struggle requires resonance: it is by opening ourselves to others that we can recognize our common capacity to move the world and direct it against alienating structures.

Keywords: Resonance. Revolution. Struggle for resonance. Alienation. Emancipation.

Resumen: El artículo examina la relación entre resonancia y revolución a través de un diálogo crítico entre Hartmut Rosa y Georg Lukács. Frente a interpretaciones que atribuyen a la resonancia un carácter meramente adaptativo, se sostiene que esta se encuentra intrinsecamente vinculada a procesos de transformación social radical. Lejos de constituir una contradicción en los términos, la idea de una "lucha por la resonancia" es constitutiva del propio concepto de resonancia. Al reconstruir el análisis lukácsiano de la emergencia de la conciencia revolucionaria a la luz de categorías propuestas por Rosa, se pone de manifiesto la insuficiencia tanto de la idea de una resonancia puramente adaptativa como de concepciones estrictamente antagonistas de la revolución. Por un lado, la resonancia exige luchas sociales radicales: es al oponernos a las estructuras alienantes de la estabilización dinámica cuando reconocemos nuestra capacidad compartida de ser afectados. Por otro lado, la lucha revolucionaria requiere



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Universität Passau, Passau, Bavaria, Alemanha.

resonancia: es al abrirnos a los otros cuando podemos reconocer nuestra capacidad común de mover el mundo y orientarla contra las estructuras alienantes.

Palabras clave: Resonancia. Revolución. Lucha por la resonancia. Alienación. Emancipación.

Introdução

A relação entre ressonância e revolução está longe de ser inequívoca.² A teoria de Hartmut Rosa expande a crítica marxiana ao capitalismo em novas direções, visando transformar as condições alienantes da modernidade por meio de "uma revolução política, econômica e cultural, simultânea e concertada" (Rosa 2016, 56). Ao mesmo tempo, sua teoria da ressonância oferece boas razões para exercermos cautela diante de aspectos centrais das formulações marxistas sobre a emancipação social. Em especial, a ênfase de Rosa na receptividade e na indisponibilidade nas relações ressonantes com o mundo se distingue do foco na agência e no controle instrumental que predomina em grande parte das concepções de revolução (cf. Taylor 2021). Além disso, a ressonância democrática, enquanto modo "adaptativo" de estabilização, opõe-se de maneira fundamental ao antagonismo associado a relações "repulsivas" com o mundo,³ antagonismo que, contudo, desempenha um papel decisivo nas abordagens marxistas sobre a transformação radical da sociedade.

Nessas circunstâncias, a ideia de uma luta por ressonância pode parecer uma contradição em termos: haveria o risco de que os meios (orientados para a ação, instrumentais e antagonistas) minem os fins (receptivos, indisponíveis e adaptativos). Argumentarei, porém, que o conceito de ressonância não é apenas politicamente compatível com lutas por transformação radical, mas está, inclusive, intrinsecamente ligado a elas. Em particular, ao reinterpretar a análise lukácsiana da consciência revolucionária à luz da teoria de Rosa, pretendo mostrar que relações ressonan-

tes com o mundo não *resultam* simplesmente de lutas coletivas contra a alienação capitalista, mas emergem antes *no interior* dessas últimas.

Rosa com Lukács: críticas idealistas e românticas da modernidade

Esse diálogo entre Lukács e Rosa é tornado possível em razão de determinados paralelos em seus diagnósticos da modernidade. Em *História e consciência de classe* (Lukács 2023), podem-se distinguir duas dimensões no conceito de reificação.⁴ Em primeiro lugar, Lukács enfatiza como a reificação inverte a relação entre sujeito e objeto: o mundo domina os agentes que o produzem, na medida em que aparece como independente deles. Ao mesmo tempo que os indivíduos são incentivados a controlar o mundo por meio do cálculo, eles são levados a agir de acordo com "leis" (por exemplo, econômicas) supostamente imutáveis, resultando em uma adaptação passiva às condições vigentes. Em segundo lugar, Lukács compreende a reificação como um processo de abstração real que acarreta a perda progressiva das qualidades das pessoas e das coisas. Tanto a atividade humana quanto os seus objetos são mecanizados e fragmentados em operações arbitrárias. A reificação inverte o concreto e o abstrato: formas "mecânicas" subjuguam os processos "orgânicos" sobre os quais se apoiam.

De maneira similar, Rosa (2021) examina a disseminação de uma lógica estrutural especificamente moderna – a da estabilização dinâmica –, destacando a homologia entre a fórmula marxiana do capital (D–M–D') e princípios que operam em outras esferas sociais, como na ciência moderna, a qual procede do conhecimento à pesquisa para gerar mais conhecimento (C–P–C'). Ele sublinha, além disso, como essa lógica é incorporada pelos indivíduos em sua autocompreensão cultural: a modernidade é marcada pela promessa de que o mundo pode ser tornado instrumentalmente

² Este artigo é a tradução, realizada pelo próprio autor, do capítulo: Bueno, Arthur. 2025. Resonanz und Revolution. In *Resonanz und Kritik. Perspektiven auf eine Soziologie der Weltbeziehungen*, editado por Bettina Hollstein e Jörg Oberthür. Suhrkamp. A publicação desta versão em português ocorre com autorização da Suhrkamp Verlag.

³ No cerne da estabilização adaptativa está "não a luta, mas a moldagem [Gestaltung]" (Rosa 2019a, 242, ênfase no original).

⁴ Concentro-me aqui no livro lukácsiano de 1923, sem entrar na relação controversa que ele mantém com suas obras anteriores e posteriores. Sobre isso, cf. Löwy 1979.

disponível, alcançável e acessível. Essa promessa, porém, mina a si mesma: quanto mais se busca apropriar-se do mundo, mais distante e hostil ele parece. Em uma tal relação repulsiva com o mundo, o indivíduo se vê restringido em suas possibilidades de "tocar" e "ser tocado" (Rosa 2016, 279). Quando as únicas opções são exercer dominação ou se submeter a ela, perde-se o contato concreto com o mundo (externo e interno), assim como a possibilidade de estabelecer uma relação significativa com ele.

Apesar dessas semelhanças, há uma diferença decisiva na maneira pela qual Lukács e Rosa concebem a superação dessas condições. As duas linhas críticas lukácsianas convergem, em *História e consciência de classe*, na concepção do proletariado como "sujeito-objeto idêntico da história" (Lukács 2023, 225). Para Lukács, a classe trabalhadora seria capaz de realizar tanto o horizonte idealista da apropriação plena do mundo por um sujeito coletivo quanto a perspectiva romântica de inversão da subordinação do concreto ao abstrato. Poder-se-ia ter a impressão de que a teoria de Rosa abandona inteiramente o primeiro horizonte, idealista, aproximando-se antes do romantismo anticapitalista de Lukács. Afinal, Rosa (2019b, 41) é profundamente crítico com relação ao moderno "anseio por autonomia", que ele compreende, de modo restritivo, como a "tentativa de tornar o outro disponível". Ainda assim, elementos de agência autônoma não estão inteiramente ausentes de seu conceito de ressonância, embora assumam ali uma forma distinta.

Em consonância com a tradição romântica, Rosa enfatiza nossa capacidade de escutar o mundo e de ser por ele afetados (o que ele denomina "a←feto"). Em face da inversão alienante do sujeito em objeto, não se deve simplesmente aspirar à dominação, mas rejeitar por completo essa forma de relação (repulsiva) com o mundo. Em lugar de reagir à passividade com ainda mais atividade instrumental, deve-se acolher a vulnerabilidade e a abertura diante do outro. Isso implica a possibilidade não apenas de ser

tocado pelo outro, mas também de movê-lo ("e→moção") (Rosa 2016, 279). Emerge, assim, uma forma distinta de autoeficácia – e, pode-se dizer, de autonomia. Em vez de se esgotar na apropriação instrumental do mundo, a autoeficácia adquire um caráter responsivo; é por meio da interrelação entre tocar e ser tocado que se passa a experimentar a própria força transformadora: "a experiência de ressonância implica algo como a experiência de uma (contra)força independente, que resiste a toda disponibilidade 'mecânica'" (Rosa 2018, 58).

A teoria de Rosa retoma, desse modo, em seus aspectos tanto diagnósticos quanto terapêuticos, as duas vertentes da crítica lukácsiana da reificação. Ainda assim, enquanto *História e consciência de classe* (Lukács 2023) apresenta um conceito idealista de sujeito revolucionário, Rosa propõe uma forma não instrumental de autoeficácia, cuja realização não está vinculada a uma classe social específica. Essa perspectiva contorna algumas das implicações problemáticas da abordagem lukácsiana, como sua simultânea crítica e reafirmação de uma subjetividade concebida de maneira idealista. Ao mesmo tempo, ela suscita uma questão para a qual Lukács acreditava ter encontrado uma resposta na consciência de classe do proletariado: onde podem ser identificadas as forças motrizes capazes de promover as transformações radicais necessárias para superar a estabilização dinâmica e, assim, estabelecer as condições para relações ampliadas de ressonância com o mundo?

Para enfrentar essa questão, proponho revisar os argumentos de Lukács (2023) sobre a emergência da consciência revolucionária.⁵ De maneira decisiva, esse processo envolve, para Lukács, uma série de mediações que emergem dos limites intrínsecos da experiência reificada. A reinterpretação desses argumentos à luz da teoria de Rosa pode, então, indicar os potenciais iminentes de um movimento coletivo que proceda da alienação à ressonância. Essa reconstrução revelará, como veremos, os contornos inespera-

⁵ Para uma reconstrução mais detalhada dos argumentos lukácsianos a esse respeito, cf. Bueno 2022 e Bueno 2024.

dos de uma luta (revolucionária) por ressonância.

Lukács com Rosa: luta por ressonância

Autoeficácia alienada

O ponto de partida desse processo é aquilo que Lukács denomina "consciência imediata". Nela, "o sujeito e o objeto do processo social aparecem rigidamente duplicados e exteriorizados um em relação ao outro" (Lukács 2023, 181). Nos termos de Rosa (2021), os indivíduos são movidos pela promessa de tornar o mundo disponível, alcançável e acessível. Percebendo-se como sujeitos instrumentalmente autoeficazes diante de objetos passivos, eles deixam de considerar seus vínculos concretos com o mundo: não se veem nem como afetados por ele nem como capazes de afetá-lo. A única relação concebível é aquela baseada no controle por meio do cálculo. Trata-se de uma posição alienada – embora, como enfatiza Lukács (2023), nesse ponto o indivíduo não tenha consciência disso. Na tentativa de confirmar sua própria autoeficácia, ele não responde às coisas em suas propriedades concretas, mas se orienta por "leis" abstratas, aparentemente imutáveis. Ao perseguir a promessa de tornar o mundo disponível, ele não faz mais do que se adaptar às estruturas da estabilização dinâmica, reforçando sua própria ineficácia.

Ainda assim, como observa Lukács (2023), pode ocorrer que os indivíduos sintam os limites de sua autoeficácia alienada. Tais limites se manifestam, por exemplo, na resistência dos objetos a se tornarem plenamente disponíveis. Por mais que se busque controlar os trabalhadores que se contrata ou os recursos naturais apropriados, eles invariavelmente resistem a esse processo – seja por meio da diminuição da produtividade, do esgotamento ou do engajamento em contestações explícitas. O objeto da atividade instrumental aparece, então, cindido: ele se apresenta como uma coisa "mecânico-racional", capaz de ser parcialmente instrumentalizada, mas também como portador de uma dimensão "orgânico-irracional" que impede sua completa apropriação (Lukács 2023, 182, 99). Decerto, esse aspecto orgânico não

é irracional em si mesmo; ele somente *aparece* assim ao indivíduo movido pela promessa de tornar o mundo disponível: por alguma razão, os objetos escapam à sua apreensão, não se deixando apropriar plenamente. Nesse ponto, a resistência só pode ser entendida como um *déficit de cálculo*: os limites à apropriação são percebidos como superáveis, indicando que a racionalização deve ser levada ainda mais adiante.

Da autoeficácia alienada ao reconhecimento da autoineficácia

A relação do indivíduo com o mundo assume, contudo, outra forma quando a aparência de autoeficácia não pode mais ser mantida. Para além de simplesmente pôr limites às tentativas de instrumentalização total, as resistências persistentes do mundo podem levar o indivíduo a questionar se, em vez de ser um sujeito, ele é, de fato, um objeto. "Em todos os momentos da vida cotidiana nos quais o trabalhador individual parece ser o sujeito de sua própria vida", afirma Lukács, "a imediatez de sua existência desfaz essa ilusão" (Lukács 2023, 181). Não é necessário concordar com Lukács quanto à efetiva inclinação do proletariado para essa posição – tema amplamente debatido desde então – para reconhecer a importância dessa transformação experiencial. Nesse ponto, a aparência de autoeficácia se rompe, dando lugar a um reconhecimento consciente da passividade até então oculta. A resistência do objeto já não sinaliza que se deve persistir na busca de se apropriar do mundo por meio do cálculo; ao contrário, ela indica que as próprias ações do indivíduo são apenas momentos de um processo de abstração no qual ele "é inserido como uma ferramenta mecanizada e racionalizada" (Lukács 2023, 182). Aquilo que antes aparecia como uma atividade autoeficaz, limitada apenas por obstáculos ocasionais e superáveis, revela-se agora como *autoineficácia*.

Esse passo, decerto, não é emancipatório em si mesmo. Confrontado com a percepção de estar submetido a forças que escapam ao seu controle, o indivíduo pode simplesmente buscar se adaptar e se conformar. No entanto, até mesmo a sub-

missão pode se revelar uma tarefa complexa. O próprio corpo pode se recusar a obedecer: assim, uma pessoa acostumada a levantar cedo para trabalhar pode passar a ter dificuldades em sair da cama, sem conseguir identificar um motivo claro para isso. Ela pode, então, acreditar que há “algo errado” consigo mesma. De maneira semelhante à realidade externa, o mundo interior resiste a se tornar disponível: também ele parece conter um elemento “orgânico-irracional” (Lukács 2023, 99).

Precisamente essa resistência interna desempenha um papel decisivo no percurso revolucionário delineado por Lukács (2023). Sem ela, o indivíduo continuaria tentando confirmar sua autoeficácia instrumental, sem jamais se tornar consciente de sua própria ineficácia. Reconhecer-se como objeto possibilita o reconhecimento da própria passividade e dos limites do próprio corpo. Contudo, essa resistência permanece inicialmente incompreensível: nesse estágio, as propriedades humanas aparecem como meras “fontes de erro” (Lukács 2023, 100, ênfase no original). Mesmo quando o indivíduo já não se vê como agente da racionalização, sua relação com o mundo ainda se funda na autoeficácia instrumental; a diferença é apenas que, agora, ele se percebe antes como objeto do que como sujeito desse processo.

Da autoineficácia ao $a\leftarrow$ feto

A situação se transforma, contudo, quando esse elemento interno deixa de ser percebido como um limite incompreensível à racionalização e passa a ser entendido como algo intrinsecamente vinculado a ela. Ao se reconhecer, simultaneamente, como objeto do cálculo e como *locus* de uma resistência orgânica ao cálculo, o indivíduo pode vir a dar-se conta da conexão entre essas duas dimensões. A dificuldade de sair da cama, por exemplo, pode, então, ser compreendida como expressão de um mal-estar ou de um estado depressivo relacionado às exigências do próprio trabalho. Aquilo que até então aparecia como um “erro” incompreensível se revela, ago-

ra, como um sofrimento enraizado nas práticas sociais das quais o indivíduo participa. O “erro” adquire, assim, um novo significado: ele deixa de ser visto como um obstáculo inexplicável à otimização e passa a ser reconhecido como *resultado* do próprio imperativo de otimização.

O indivíduo pode, então, perceber sua autoineficácia sob uma nova luz. Nos termos de Lukács (2023), ele vem a reconhecer, em sua própria vida, que toda alteração *quantitativa* (à qual está submetido) corresponde a uma transformação *qualitativa* (que ele vivencia).⁶ Dando-se conta de como é afetado pela subordinação à estabilização dinâmica, o indivíduo reconhece a si mesmo como um ser vivo dotado da capacidade de ser tocado. Ele compreende que não apenas “possui” um corpo (que resiste à abstração), mas é um corpo vivo e vulnerável (que sofre sob a abstração e a vivencia). O sofrimento atesta a abertura do indivíduo para ser afetado e, com isso, o potencial – até então negado – de desenvolver um interesse intrínseco pelo mundo.

Nesse ponto, começa-se a ir além dos limites de uma individualidade atomizada. Ao reconhecer a própria vulnerabilidade em relação ao mundo, o indivíduo deixa de se perceber como um sujeito encerrado em si e orientado instrumentalmente, passando a se compreender como um ser vivo imerso em processos vitais concretos. A experiência individual assume um caráter coletivo. Podem emergir, então, práticas de solidariedade e de cuidado mútuo: ao notar, em sua própria vida, a subordinação do concreto ao abstrato, a pessoa pode reconhecer não apenas a própria capacidade de ser afetada, mas também essa mesma capacidade em outros seres vivos. Como enfatiza Rosa (2016), o reconhecimento do $a\leftarrow$ feto do outro implica a compreensão de que se deve escutá-lo.

Do $a\leftarrow$ feto à $e\rightarrow$ moção

Esse passo ainda não é suficiente para uma transformação social profunda, mas as condições para tanto começam a se formar. Quando

⁶ “As diferenças quantitativas da exploração [...] devem aparecer ao trabalhador como as categorias qualitativas decisivas de toda a sua existência física, intelectual, moral etc.” (Lukács 2023, 182-183).

o sofrimento é reconhecido como resultado de um processo de abstração real que incide sobre um corpo vulnerável, a resistência a esse processo pode aparecer como uma resistência *própria*, isto é, como expressão das forças vitais do próprio corpo. A dificuldade de sair da cama deixa, então, de ser vista simplesmente como um "erro" ou como sofrimento, passando a ser compreendida como uma *recusa* a ir ao trabalho. Aquilo que, antes, era interpretado como sinal de fraqueza passa, agora, a aparecer como expressão de força. Evidencia-se, assim, a conexão intrínseca entre afeto e emoção: o indivíduo se dá conta de que sua capacidade de ser afetado está inseparavelmente ligada à capacidade de mover o mundo.

Pode-se, então, vir a reconhecer que a estabilização dinâmica *depende* precisamente dessa capacidade de mover o mundo; ela só se mantém na medida em que explora as emoções dos seres vivos. Em termos lukácsianos, nesse momento o indivíduo pode se perceber como portador de uma força (de trabalho) concreta que não apenas resiste à racionalização ou sofre sob ela, mas também a sustenta. É revelada, então, a dependência da abstração alienante em relação à matéria concreta que ela busca dominar. Isso transforma, de modo decisivo, a compreensão do poder: este já não aparece como a atividade de um sujeito instrumentalmente autoeficaz, mas sim como a manifestação de uma força viva compartilhada com outros seres vivos inseridos no mesmo processo vital. Assim como a capacidade de ser afetado, a força da *e→moção* é intrinsecamente coletiva.

Da *e→moção* à autoeficácia responsiva

Uma vez reconhecida, essa força pode ser mobilizada para fins distintos da manutenção de estruturas sociais alienantes. A capacidade de mover o mundo pode ser recuperada e reorientada. Ela pode, por exemplo, manifestar-se como ressonância no interior de um grupo cujos membros fortalecem reciprocamente suas capacidades *e→mocionais*, produzindo uma forma de autoeficácia que já não é instrumental, mas

responsiva. Essa capacidade pode também ser direcionada, de maneira mais ampla, contra as estruturas vigentes da estabilização dinâmica. Quando a *e→moção* deixa de aparecer como "erro" ou recusa silenciosa, torna-se possível organizá-la coletivamente para transformar, de modo radical, as instituições existentes. Uma greve, por exemplo, representa a reivindicação organizada dessa força, enquanto um protesto serve à sua demonstração pública.

Nesse momento, a luta por ressonância se torna explícita – pois tentativas de transformar as estruturas da estabilização dinâmica raramente ocorrem sem provocar reações agressivas. Na verdade, essa luta já estava presente nos momentos anteriormente descritos. Em cada uma dessas etapas, a resistência à estabilização dinâmica se manifestou de maneiras distintas: como "erro", como sofrimento ou como recusa. Agora, ela assume uma forma coletivamente organizada, visando conscientemente institucionalizar as condições para relações ampliadas de ressonância com o mundo. Emerge, assim, uma forma de autoeficácia que não é instrumental nem individual, e sim responsiva e coletiva. A atividade racional deixa de aparecer como o ato de um sujeito isolado e calculador, passando a ser mediada por uma força viva comum (*e→moção*), apoiada em uma condição compartilhada de vulnerabilidade (*a←feto*). Isso não é algo que se alcance de uma vez por todas, mas um processo contínuo: em vez de conduzir a uma apropriação total do mundo, a autoeficácia responsiva consiste em uma mediação jamais completa entre os momentos constitutivos da ressonância, a qual, por isso mesmo, nunca está isenta de experiências alienantes.

Conclusão: ressonância como revolução

Contrariamente à visão segundo a qual ressonância e revolução seriam incompatíveis, a reconstrução aqui apresentada revela seu vínculo intrínseco. A ideia de uma ressonância puramente adaptativa se mostra, então, insuficiente. A ressonância exige luta social radical: ao nos contrapormos às estruturas alienantes da es-

tabilização dinâmica, reconhecemos, tanto em nós mesmos quanto nos outros, a capacidade de ser afetados. Inversamente, a concepção de uma revolução meramente antagonista se revela igualmente inadequada. A luta revolucionária requer ressonância: apenas ao nos abirmos uns aos outros podemos reconhecer nossa força comum de mover o mundo e direcioná-la contra estruturas alienantes.

Referências

Bueno, Arthur. 2022. The standpoint of the proletariat today. In *De-centering global sociology: the peripheral turn in social theory and research*, editado por Arthur Bueno, Mariana Teixeira e David Strecker. Routledge.

Bueno, Arthur. 2024. The end (and persistence) of subjectivity: Lukács with Adorno, Adorno with Lukács. *Distinktion: Journal of Social Theory* 25 (3): 435-454. <https://doi.org/10.1080/1600910X.2024.2381469>.

Löwy, Michael. 1979. *Georg Lukács: from Romanticism to Bolshevism*. Verso.

Lukács, Georg. 2023. *Geschichte und Klassenbewusstsein: Studien über marxistische Dialektik*. Faksimile des Hand- und Arbeitsexemplars. Aisthesis Verlag.

Rosa, Hartmut. 2016. *Resonanz: eine Soziologie der Weltbeziehung*. Suhrkamp.

Rosa, Hartmut. 2018. *Unverfügbarkeit*. Residenz Verlag.

Rosa, Hartmut. 2019a. Der Irrtum der antagonistischen Sozialontologie. Zur kritischen Theorie demokratischer Resonanz. In *Kritische Theorie der Politik*, editado por Ulf Bohmann e Paul Sorensen. Suhrkamp.

Rosa, Hartmut. 2019b. Spirituelle Abhängigkeitserklärung. Die Idee des Mediopassiv als Ausgangspunkt einer radikalen Transformation. In *Große Transformation? Zur Zukunft moderner Gesellschaften*, editado por Klaus Dörre, Hartmut Rosa, Karina Becker, Sophie Bose e Benjamin Seyd. Springer VS.

Rosa, Hartmut. 2021. Best Account. Skizze einer systematischen Theorie der modernen Gesellschaft. In *Spätmoderne in der Krise: was leistet die Gesellschaftstheorie?*, editado por Andreas Reckwitz e Hartmut Rosa. Suhrkamp.

Taylor, Charles. 2021. Resonance and critical theory. In *Critical theory and new materialisms*, editado por Hartmut Rosa, Christoph Henning e Arthur Bueno. Routledge.

Arthur Bueno

Professor assistente na Universidade de Passau, em Passau, Bavária, Alemanha, pesquisador associado do Centre Marc Bloch, em Berlim, Alemanha, e professor afiliado da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, Brasil. Doutor e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, Brasil.

Disponibilidade de dados

Não se aplica.

Conflito de interesse

Nenhum.

Como citar este artigo

Bueno, A. Ressonância e revolução. *Civitas: Revista De Ciências Sociais*. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2026.49392>

Endereço para correspondência

University of Passau

Innstr. 41

94032, Passau

Germany

Editoras da revista

Fernanda Bittencourt Ribeiro

Teresa Cristina Schneider Marque

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.